

Trânsito é ameaça aos moradores de Jucutuquara

O trânsito na Avenida Paulino Müller, em Jucutuquara, é uma ameaça à vida dos moradores da região. Não há sinalização e faltam faixas para pedestres. Há muito barulho e poluição, o que transforma aquela via no principal problema para a população local. Por ser uma avenida residencial, onde os veículos circulam em alta velocidade, os acidentes envolvendo pedestres viraram rotina. Os 4.195 moradores de Jucutuquara, na parte baixa e na alta (Morro do Cruzamento), até conseguem conviver com o tráfego intenso, mas acreditam que a falta de manutenção das pistas e calçadas e também a não instalação de sinais para a segurança dos pedestres e motoristas, vêm contribuindo para o crescimento do número de acidentes.

O presidente da Comunidade Nacional de Jucutuquara (Conaj), Lírio Zani, não poupou críticas ao Detran e à Prefeitura de Vitória. "Nós discutimos o orçamento de 92, em 1991, junto com a administração municipal. E colocamos entre as prioridades a Avenida Paulino Müller, entretanto nada foi realizado para melhorar o trânsito", disse. Tanto os moradores do Morro do Cruzamento quanto os que residem na avenida são obrigados a circular diariamente na via, pois todo o comércio fica situado na avenida, como padarias, farmácia, além de igrejas. Ali também via de acesso a escolas.

O morador Adelino Augusto Pinheiro Pires disse que o trânsito ainda é acentuado pelas lojas de

acessórios para carros que estão situadas nas vias. "É que os veículos estacionam nas calçadas e as pessoas ficam sem espaço para transitar, o que as obriga a passar pelas vias, correndo risco de vida", disse.

A reclamação dos moradores é que na Avenida Maruípe, continuação da Paulino Müller, próximo ao Quartel da Polícia Militar, existem quatro sinais. O mesmo ocorre na Avenida Vitória: do trecho entre a Escola Técnica Federal até a Bandeirantes Móveis há quatro sinais. Há também várias ruas transversais e, por falta de quabramolas, as colisões de veículos ocorrem quase que diariamente.

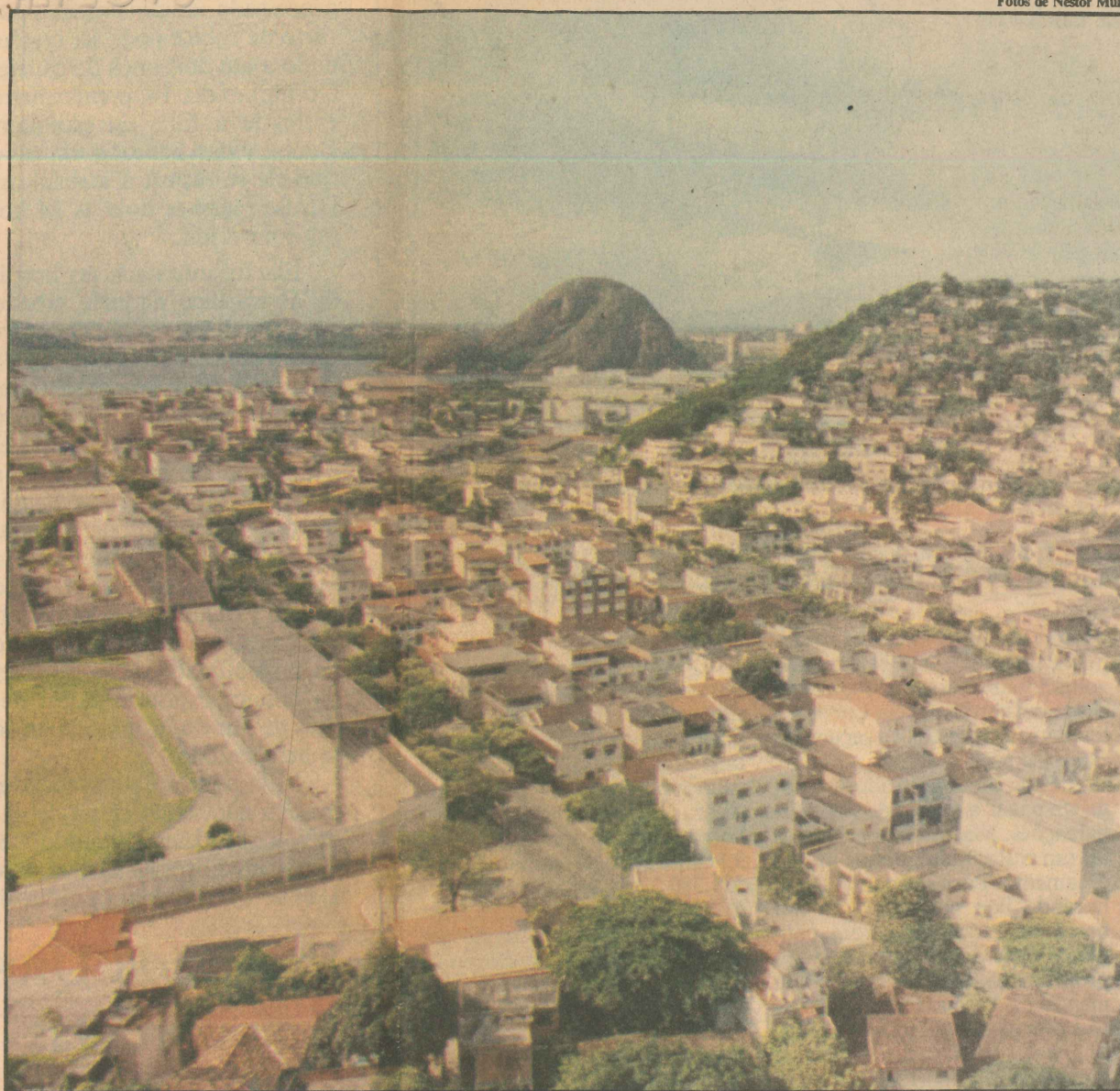
Praça ao meio

Segundo informou o presidente da Conaj, o Detran cortou ao meio a praça ao lado da Escola Técnica Federal, abrindo uma rua que sai no trevo. Trata-se de um retorno construído pelo Detran, para os motoristas que saem da Avenida Vitória. Sem nenhuma sinalização, os carros acabam por cometer muitas irregularidades provocando acidentes no local.

"Nós já tivemos contato com o setor de Engenharia do Detran e através de ofício já reivindicamos o retorno da praça. Mas somente eles não vêem o problema que essa mudança trouxe para a comunidade de Jucutuquara", disse Lírio Zani. Na rua que foi aberta, estreita, fica um ponto de táxi e também motoristas com serviços de frete.



Dona Olga nasceu no bairro há 82 anos e tem saudades dos bons tempos



Jucutuquara é um dos bairros mais antigos de Vitória, tendo nascido de uma fazenda do período colonial

Comunidade luta e consegue pré-escola

Um dos grandes problemas de Jucutuquara e Cruzamento — a falta de uma pré-escola — vai ser solucionado no próximo ano. A informação foi dada ontem pelo secretário de Obras da Prefeitura de Vitória, Fernando Betarello, que anunciou para o mês de dezembro a inauguração da unidade com 10 salas. Betarello informou que a Prefeitura tem procurado atender as reivindicações dos bairros, de acordo com a disponibilidade financeira, embora alguns problemas não tenham chegado ao seu conhecimento.

A construção da pré-escola foi incluída no orçamento de 1991 a pedido da comunidade mas só ficará pronta agora. O custo da obra, conforme Betarello, é de Cr\$ 5,5 bilhões, pois o imóvel foi construído com material de boa

qualidade.

Embora desconheça algumas das reivindicações da comunidade, Betarello disse que a Prefeitura está aberta para ouvi-las e se possível resolvê-las. Este é o caso, por exemplo, da praça que a comunidade reivindica para uma área atrás da Escola Técnica Federal. O secretário contou que o acesso à área foi fechado a pedido da comunidade, que realiza ali feiras e atividades esportivas. Ele declarou ainda que nunca recebeu pedido da comunidade para reconstituir a praça de Jucutuquara, mas está disposto a estudar o assunto.

Quanto à melhoria de acesso ao morro do Cruzamento, Betarello informou que a única coisa que a secretaria pode fazer atualmente é passar a máquina na estrada de chão que ficou danificada com as

chuvas. O calçamento da estrada é inviável, de acordo com o secretário, pois o trecho é longo. Outro acesso que foi reivindicado pela comunidade, para ser construído atrás da manufatura, esbarra num parecer desfavorável da Secretaria de Meio Ambiente. É que o local, além de ter um declive acentuado, possui uma grande área verde.

A secretaria de Obras, conforme Betarello, não tem recursos para fazer o muro de arrimo da Rua José Francisco, que entrou no orçamento de 1992.

O custo de uma obra deste porte hoje é Cr\$ 1,5 bilhão e por isso Betarello disse que a Secretaria de Obras priorizou o término da pré-escola. A atual administração demoliu as três casas que seriam atingidas caso houvesse mais desmoroamento no local.

Crise atinge os sambistas

A Escola Unidos de Jucutuquara atravessa uma crise e seus dirigentes ainda não sabem se a agremiação irá desfilar no Sambão do Povo no Carnaval 93. Este ano, a escola foi obrigada a trocar a passarela do samba pelo desfile nas principais ruas do bairro, por causa de problemas financeiros. A agremiação foi campeã do Carnaval capixaba em 1990.

A vice-presidente da escola, Maria Bernadete Ladislau, contou que o samba-enredo para 93 já foi escolhido: "Do fruto que cai ao suco que cai", de autoria de Jaciara, Darinho da Ilha e Nego Shell. Ele conta a história da produção e exportação da laranja, produto do qual o Brasil é o maior produtor mundial.

Maria Bernadete responsabilizou a desorganização do Carnaval capixaba, a existência de três entidades do samba (Aces, Ueses, e Lieses) e a falta de respeito do poder público com o sambista como as causas da crise da escola. "Há descaso do poder público. Eles não consideram o samba como lazer", denunciou. A ausência de quadra também atrapalha a escola, obrigada a ensaiar na rua.

Além a escola, os bares "Copa 70" e do Ceará são opções de lazer em Jucutuquara. O primeiro, de David José Carminati, é famoso pelo caranguejo até entre os turistas. Ele abriu suas portas em 70, antes da Seleção Brasileira conquistar o tricampeonato mundial do México.

Morro fica sem segurança

Um clima de bang-bang é vivido quase que diariamente no Morro do Cruzamento. Por ser um local de difícil acesso, os moradores, que têm medo de se identificarem, afirmaram que os marginais, tanto da região quanto dos morros vizinhos, fazem do local o seu esconderijo. Quadrilhas brigam entre si e tiros podem ser ouvidos à luz do dia, ameaçando a vida dos moradores de Jucutuquara. A delegacia da Polícia Civil, que funcionava em frente à pracinha, a Patrimonial, foi transferida, e hoje é apenas um depósito de presos, ocasionando a revolta da população local.

Região tem fama de antiga

Jucutuquara tem fama de ser "um bairro de coroas". A moradora mais antiga, Olga da Penha Heler Amorim, 82 anos, nasceu lá e confirma esta característica. "Meus filhos não querem morar aqui porque o bairro é velho. O luxo hoje é morar perto da praia". Coincidência ou não, os aposentados sentados na praça são uma espécie de cartão de visita de Jucutuquara.

Dona Olga tem saudade da tranquilidade do passado. "Os bandidos andam soltos nas ruas e nós vivemos presos atrás das grades em casa", comenta, revoltada. As quermesses organizadas pela Igreja Católica, animadas por seu Barcelos — já falecido — também estão na lembrança desta viúva. Apesar disso, ela acredita que o bairro hoje mudou para melhor. "Fui muito feliz aqui, onde tive meus cinco filhos", diz.

Bairro família

A professora Alda Costa Brambati, 81 anos, mora desde 1949 no bairro. "Somos uma família. Tenho saudade do sossego, quabrado com o barulho infernal do trânsito da Paulino Müller". O aposentado Antônio Mattos, 79 anos, está há 68 em Jucutuquara. Ele acha que o bairro mudou hoje para pior: "Antigamente, botava as cadeiras na porta da casa para conversar com os vizinhos e hoje isso não é mais possível. Tinha lugar para as crianças brincarem, jogar bola. As amizades eram mais sinceras e hoje ninguém conhece mais ninguém".

Ângelo Pandolpho, 70 anos, foi dono de um dos primeiros açougues do mercado São Sebastião. Ele conta que lá era a única opção de comércio do bairro e que

hoje o movimento caiu muito por causa dos preços proibitivos. Ângelo e os colegas aposentados lembram-se dos passeios noturnos feitos por moças e rapazes na Paulino Müller, a pé, da sorveteria, e dos antigos clubes **Morcegos** e **Congo da Sapucaia** — este último em Fradinhos.

O vidraceiro Fernando dos Santos, 68 anos, nasceu no bairro e continua no mesmo ramo de atividade. Do passado, lembra-se que a rua velha — hoje Rua Lizandro Nicoleti — era o único caminho para se chegar a Maruípe e que os bairros de Bento Ferreira e Ilha de Monte Belo eram só mangue. O bairro mudou para melhor, acha, apesar de não haver mais espaço livre para jogar futebol. Aliás, depois da saída do Rio Branco para Campo Grande, em Cariacica, Fernando disse que seu bairro "acabou".

Místico

O lado místico de Jucutuquara fica por conta da benzedeira Maria Ribeiro, 76 anos, conhecida como "Maria Coroa", apelido do marido, falecido. No passado, ela foi a parteira do bairro. "Fiz o curso no centro de Vitória. O pessoal gostava de ter filhos em casa. Ao todo, foram mais de 150 partos. Esse morro todo eu vi nascer".

A fama de Maria Coroa em Vitória, porém, é proveniente de sua atividade espírita. É grande o número de pessoas que procura a benzedeira. O guia dela é o caboclo Três Ganga da Umbanda. A clientela de "Coroa" busca na maior parte das vezes acabar com o "mau olhar". No passado, os fregueses iam em sua residência motivados por problemas de saúde.



A praça é o ponto de encontro dos idosos



O museu Monjardim é uma das "reliquias"

Área era fazenda no período colonial

Jucutuquara foi uma fazenda importante no período colonial. No final do ano de 1700 ela passou a pertencer ao capitão Francisco Pinto Homem de Azevedo, em cuja residência funciona hoje o Museu Solar Monjardim, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional e administrado pela Ufes.

A Vila Monjardim foi projetada em 1896 pelo sanitarista Saturnino de Brito e começou a mudar o seu perfil com a construção de pequenas casas e ruas. Tudo isso aconteceu na administração do governador Muniz Freire. O projeto inicial não previa áreas de lazer.

A partir dos anos 20, Jucutuquara experimentou um grande crescimento. Antes, o mangue invadia parte do bairro e as terras dos Monjardim eram ocupadas por um grande pomar. Elas faziam limites com as salinas, região ocupada hoje pela Escola Técnica Federal do Espírito Santo (Etfes), construída naquele local a partir de 1942. Nos morros existiam poucas casas.

Foi no Governo de Nestor Gomes (1920-1924) que as características originais de Jucutuquara foram se modificando com a desapropriação dos terrenos do barão de Monjardim, latifundiário. Nesse período, foi construído o conjunto habitacional para os funcionários públicos, através da Caixa Beneficente Jerônimo Monteiro.

Além disso, foram feitos aterros, propiciando a construção de habitações para particulares. Também foram abertas estradas ligando o bairro a Maruípe e Fradinhos. Um córrego atravessava o bairro e era utilizado pelas lavadeiras. Ele abastecia as residências e foi canalizado com a construção de uma vala central de alvenaria para drenagem da antiga Rua 15 de Novembro, hoje a Avenida Paulino Muller.

Na administração de Florentino Avidos (1924-1928), o local experimentou mais mudanças. Novos aterros foram feitos, ligando o bairro à Ilha de Santa Maria, à chácara Forte de São João e à região onde passava a antiga linha do bonde. Novas ca-

sas foram construídas e ruas abertas. Em 1927, com a conclusão da obra do conjunto habitacional para os funcionários públicos, a linha do bonde — antes com passagem pela praça principal do bairro — foi "esticada" até a entrada de Fradinhos. Em 1930, o terreno do Morro de Jucutuquara é dividido em lotes.

Fábrica de tecidos

Antes da urbanização, a vida era muito sacrificada em Jucutuquara. Além do difícil acesso, não havia energia elétrica, encanamentos de água e esgoto, lojas ou vendas. A vala hoje coberta na Paulino Muller foi um problema durante anos para os moradores. Ela acabou transformando-se em foco de mosquitos por causa dos esgotos e lixo depositados lá. Sem contar que, nos períodos de chuva e quando a maré subia, várias casas ficavam inundadas, devido ao entupimento dos bueiros.

Um marco no crescimento da região foi a instalação da Companhia Manufatora de Tecidos, hoje fechada.

Os moradores estão sempre ameaçados por uma rebelião ou fuga de presos, que procuram o Morro do Cruzamento para se refugiarem. Os moradores até entendem, como revelaram, que fica um pouco difícil instalar um módulo da PM por falta de acessos, mas querem no alto do morro a presença de policiais.

Drogas

O tráfico de drogas na região é intenso e os moradores são obrigados a manter silêncio, por questões óbvias. O morro foi reflorestado, com a ajuda dos moradores e da Companhia Vale do Rio Doce e PMV. As árvores cresceram formando uma mata fechada. É exatamente ali onde o tráfico ocorre, sendo também esconderijo dos materiais roubados pelos marginais. Na mata fechada não há fiscalização por parte da Prefeitura, ou mesmo a manutenção, por isso o local é tomado pelo lixo, baratas e ratos.

A falta de iluminação de parte do morro facilita a ação dos marginais e traficantes. E a noite se torna um sacrifício para os moradores, que não podem sair de casa, pois até mesmo os seus pertences são roubados. Alguns moradores também denunciaram as arbitrariedades de um policial militar, que tem um bar no morro, e que vem promovendo festas, não respeitando a lei do silêncio. Os moradores já reclamaram, segundo disseram, por diversas vezes. "Mas quando a radiopatrulha chega, e os policiais tomam conhecimento que a pessoa que está incomodando é da PM: nada fazem", contaram. Aliás, destacaram, os policiais da radiopatrulha acabam entrando na "dança".

RTC COPIADORA LTDA

XEROX

Encadernação e Plastificação
Papéis e Cópias Heliográficas.

Verifique nossos preços e qualidade.
Coleta e entrega com motos.

Av. Paulino Muller, 785 - Jucutuquara - Vitória
Tel.: (027) 223-8940 ou 322-2151

Na parte alta, críticas à infra-estrutura

Se na parte baixa de Jucutuquara o principal acesso está ruim, na parte alta, o Morro do Cruzamento, a situação é desesperadora: só existe uma rua, não calçada, que dá acesso ao alto do morro, e quando chove não passa qualquer veículo. As escadarias do morro estão completamente destruídas, e

segundo os moradores, não sofrem reparos. Há rede de esgoto quebrada, cujos detritos entram até nas casas. O presidente da Associação dos Moradores do Cruzamento Jucutuquara, Gilson Casagrande, denunciou que os moradores não conseguiram, nesta administração, nenhuma obra de infra-estrutura

para melhoria da qualidade de vida da população.

Em 1986, a queda de um muro de arrimo fez com que parte da Rua José Francisco Monjardim desabasse. Em 1987 as obras iniciaram e no final deste mesmo ano foram paralisadas. Falta uma política de melhoria do bairro, por

parte da administração municipal. Segundo os moradores, não houve a recuperação da Praça de Jucutuquara. "Nós não temos área de lazer e por isto solicitamos à Prefeitura de Vitória que fizesse a recuperação deste espaço, para atender aos idosos e as crianças", reclamou Emerentina Duarte Lima.